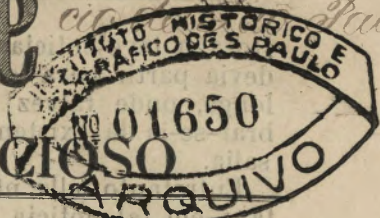


A Juventude

ORGAN LITTERARIO E NOTICIOSO

Redacção do Commercio de São Paulo



REDACTOR CHEFE
João Aguiar

REDACÇÃO: Rua Anhaia, 59
Anno 3\$000 — Semestre 1\$500 — Mez 500

REDACTOR SECRETARIO
Augusto Costa

ANNO I — São Paulo (Bom Retiro) 19 de Abril de 1908 — NUMERO I

EXPEDIENTE

Rogamos ás pessoas que não queiram ficar assignantes, o obsequio de devolverem o primeiro numero deste jornal, pois do contrario serão consideradas assignantes mensaes.

Toda a correspondencia, deve ser dirigida á redacção: Rua Anhaia, N. 59.

Não devolvemos originaes, ainda quando não publicados.

A JUVENTUDE

O facto de apresentarmos hoje em publico, este modesto jornalsinho, tem um caracter altamente significativo.

Elle prova exuberantemente que, apesar de sermos jovens sonhadores do futuro, sentimo-nos bastante fortes e encorajados para a lucta.

O mesmo è o fructo da tenacidade e dos arrojados empreendimentos. A mocidade è sempre assim; sonhando com o futuro, divisando bellissimos horisontes, tendo por baluarte as illusões da vida, ella consegue muitas vezes realisar o seu desideratum a despeito das difficuldades que apparecem na senda da existencia.

Assim sendo, esperamos conseguir o nosso intento, que è o de dotar este populoso bairro, com um jornal litterario e noticioso e que satisfaça as exigencias dos

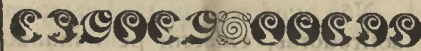
seus leitores. Não obstante tratar-se de um jornal litterario, elle não deixará de pugnar pela justiça e o bem estar do povo.

Portanto, esperamos merecer o valioso concurso do brioso povo deste bairro, atim de que possamos attingir o nosso alvo.

Eis o que desejamos.

São Paulo, 19 de Abril, 1908

A Redacção.



APPARENCIAS ...

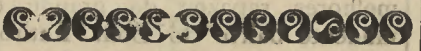
Sempre alegre, direis! Sempre illudido
No mysticismo do mais suave encanto!
Signal do grande amor que tem fruido,
Amor sublime, encantador e santo!

Pensareis deste modo, não duvido,
Feliz me julgareis! e no entretanto
E' sob a sombra de um sorrir fingido
Que a gente esconde muita vez o pranto!

Si eu vos contar o que me vai ferindo,
O calix de amargor que estou provando,
Certamente direis que estou mentindo.

E eu direi que vos ides enganando:
Muita vez pensareis que estou sorrindo,
Mas ai triste de mim que estou chorando!

B. SAMPAIO.

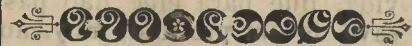


João Aguiar

Seria desnecessaria outra apresentação da «juventude». E' bastante dizer-se que è ella dirigida pelo snr. João Aguiar. e já sabeis quanto essa direcção será proveitosa para todos. Moço intelligente e dotado de nobres sentimentos, elle tem conquistado a amizade e a confiança de todos que com elle tem conviviencia. Como correspondente do Commercio de

São Paulo, elle tem demonstrado a sua força da vontade e aptidão para a vida jornalística. Assumindo a direcção da *Juventude* tem elle sido incansavel na sua redacção. Oxalá que toda a população d'este bairro comprehenda a boa vontade do nosso redactor-chefe, auxiliando-nos, para que possamos levar a effeito os nossos desejos.

AUGUSTO COSTA.



Amor sincero

Estavamos em Maio.

Os dias eram bellos, o sol radiante fazia brilhar nos ramos das frondosas arvores, as gottas de orvalho, que as oito horas ainda pareciam dormir inertes no arvoredado. Ao longe, muito longe, além da verdejante campina, divisava-se uma casinha, que parecia ser o ninho da felicidade, da paz e da tranquillidade. Nella habitava uma linda joven, talvez a mais bella das mulheres. Chamava-se Rosalia. Tinha louros os cabellos, olhos castanhos, deixando ver duas filas de alvas perolas, sob os delgados e nacarados labios. Sombreado o rosto, um leve esboço de tristeza. E qual era a razão d'essa tristeza, si era tão feliz ao lado dos seus paes que tanto a adoravam? Porque chorava constantemente? E' que amava loucamente um joven, a quem a natureza tinha-se dedicado em extremo. Lindo, jamais podia haver outro igual: claro, corado, olhos negros e seductores, tinha negros os cabellos, emfim, era a belleza personificada. João tal era o seu nome e tinha conquistado todo o amor de Rosalia. Quando encontravam-se, sabia fingir que muito a amava. Um dia,

Rosalia teve noticias que João devia partir para longe, muito longe, onde talvez nem lembrar-se-ia da existencia de Rosalia.

Entretanto, ella não acreditava em tal noticia. Entregue ás profundas meditações, perguntava a si mesma: Como poderia elle partir, si ella tinha-lhe devotado um amor tão puro, tão sagrado?

Illusão.

Estava fixado para aquella semana, o dia fatal. Chegou o dia e nem ao menos despediu-se de Rosalia. Cruel martyrio. Os dias succediam-se, e a tristeza estampava-se cada vez mais, no rosto da infeliz Rosalia. Emfim não tinha mais esperanças, nem sequer sabia si elle ainda existia. Apoderou-se então, d'aquella a quem a vida era dantes um constante sorrir, a treva do desespero, Sentia a cada momento terminar-lhe a vida, que para ella não passava de um profundo abysmo.

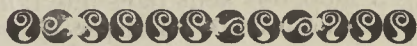
Um mez depois da fatal partida já não era mais a bella Rosalia, jazia agora n'um leito de dôr, tendo por unico consolo lagrimas abundantes.

Ao alvorecer de uma manhã de Junho, Rosalia depois de chamar seus paes e revelar-lhes a causa de tanto soffrer, até então por elles ignorada, depoz nos labios daquelles entes queridos o frio beijo da despedida, devendo retirar-a dos seus seios a morte tão proxima.

Momentos depois, por entre lagrimas e soluços, pronunciando pela derradeira vez o nome do adorado e ingrato João, ella entregava a alma ao Creador.

O amor muito sincero levára para a sepultura, a infeliz Rosalia.

R. GOULD.



Dor Secreta.

Bem sei que soffres os horrores do infortunio, e o vosso coração jáz mutilado e coberto de negras cicatrises. Reconheço nessa palidez que vos ornamenta o rosto, a prova incontestavel de uma dor profunda. O mundo para vos è um labyrintho e cercado de tristezas infinitas. A vossa vida è um valle de lagrimas e achaes envolto no manto escuro da desesperança;

sois um ente soffredor, o qual pede a morte como unico conforto e recurso para os vossos soffrimentos. Nada vos alegra e nem vos faz extasiar; quantas veses, não tendes fitado o firmamento estrellado, com todo o seu cortejo de sumptuosidades e tendes ficado indifferente! Muitas veses, ao cahir da tarde, quando o sol o astro rei-, vai desmaiando lentamente no horisonte e que a passarada em revoada pelo espaço, passa cantarolando melancolicamente, não tendes ficado indifferente! No baile e nas festas onde tendes ido, com aquella melancolia que vos é peculiar, tendes ficado em profunda meditação! Tendes um coração de anjo e uma alma nobre e no entretanto soffres, quando o soffrimento para vós deveria ser desconhecido! Que contraste do destino: Uns soffrem e vivem chorando e outros sorrindo e cantando! Entretanto, não deveis desesperar, esperando com resignação o cumprimento do destino a que estaes ligado por laços indissolueis.

Não vedes quantas creaturas soffredoras, existem pelo mundo? Por ventura desconheceis a dor secreta, que é mais triste e mais pungente que a dor reconhecida? Sede resignado e esperae no futuro; elle para vós não deve ser adverso, porque sois um anjo e mereces um paraíso.

São Paulo, 19 de Abril de 1908.

João de Aguiar.

Carta aberta

São Paulo 9 de Abril de 1908

Snrs Redactores da

"Juventude",.

Tivestes uma bellissima lembrança, e para mim ella constitue mais um dia de alegria. Com os melhores rapazes do grande e influente bairro do Bom Retiro, iniciastes a publicação de um Jornal litterario e noticioso, tendo a frente confiada ao estimado moço Senhor João de Aguiar, cujo jornal será distribuido no dia 19 do corrente e anciosamente esperado por todos. Fazendo votos para que os esforços do Senhor João de Aguiar e demais collaboradores - fundadores da Juventude, - sejam coroados de grande exito, venho por este meio abraçal-os e collocar ao lado dos mesmos uma coroa de louros, afim de que progridam sempre com a nova folha. Não tendo palavras que exprimam o

vosso digno merecimento, aqui fico contemplando a luz brilhante das estrellas, que vos há de guiar para o futuro.

Sem mais sou etc. (José Gould)

CONFERENCIA DE HAIA

A conferencia de Haia para os povos civilizados, seria a maior prova de adiantamento intellectual, si estivessemos nos tempos remotos da antiguidade. Naquelles tempos, imperava a ingenuidade. a confiança absoluta, devido a extrema ignorancia dos povos, porem, hoje a humanidade acha-se possuida de vastos conhecimentos e bastante criteriosa para julgar os feitos diplomaticos. Na conferencia de Haia, tratou-se unicamente da guerra e affastou-se completamente da paz. As grandes potencias empregaram todas as astucias, afim de subjugarem os fracos, e mantiveram-se sempre numa attitude insolente e provocadora. N'ella, houve classificações de classes as mais deprimentes para as nações e superabundou os banquetes. gastando-se sommas elevadas com excursões de delegados. Perante os representantes de todos os paizes do mundo, ninguem ousou apresentar-se, para fallar com sinceridade da situação gravissima em que se acham os operarios.

Ninguem lembrou-se dos principaes factores do progresso, esse baluarte eterno dos ricos. Empregaram todo o tempo em discussões hypochritas e fiseram os maiores absurdos: Foi uma assembléa, constituida com o fim unico de sondar os animos e organizada pelos proprios potentados, na expectativa sempre crescente, de uma conquista! Todos os projectos discutidos e approvados, visam tão somente a segurança absoluta dos reis e demais chefes das nações. Nenhum delles estabelece a paz, antes pelo contrario, tratam unicamente do exterminio da humanidade!

Gastou-se rios de dinheiro com banquetes e viagens, discutindo-se com ardor e eloquencia, bazeados nos moldes do *direito* e da *justiça*, e nada surgiu que beneficiasse a pobresa, assolada pela fome.

A denominação dessa assembléa, devia ser «A Morte» e não a paz, porque não tratou da fraternidade universal.

João Aguiar.

De Volta.

N' Joaquina Vieira-dilecta

Amiga

Tudo mudou-se, que tristeza infinda
Banha-me o seio ao contemplar a aldeia
Sempre formosa sorridente e linda
Ao tristonho pallor da lua cheia.

Tudo mudou-se, me recorde ainda
Da vez primeira que a chorar deixei-a,
E para festejar a minha vinda
Um bando azul de passaros chilreia...

Venho de volta e acho-a diferente
Daquelle que então fora antigamente.
Da lua envolta no fulgente raio,

E cheia de uma angustia verdadeira
Recorde-me a chorar da vez primeira
Em que eu partira ao despontar de Maio!...

São Paulo, 19 de Abril de 1908.

Izabel Vieira Serpa.

Uma tarde de Abril

A Arlindo Lopes

de Oliveira

Era uma tarde de Abril,
faz hoje annos, quando dis-
pusemo-nos a passeiar a um
campo distante da cidade,
pouco mais de um kilometro.

A estrada era tortuoza e
cheia de elevações, porem,
a nossa bôa disposição, o fres-
cor da tarde e a limpidez
do céo, tudo contribuia para
enebriar-nos e não sentir o
menor cansaço pelo constante
subir e descer de morros.
Chegámos ao local desejado,
onde se nos depa-ára immensa
campina verdejante ondulada
por uma viração tepida e
suave.

A vegetação constava de
gramminhas, moutas de ar-
bustos, uma restinga de mat-
to que acompanhava um ex-
tenso valle, onde se occultava
um riacho de agua crystalina,
e pequenos bosques que, de
distancia em distancia, se er-
guiam garbosos como oásis
no deserto.

Ao longe, uma successão de
montanhas azues perdiam-se
de vista no horizonte: o sol
dava de sosláo nos seus cu-
mes, nos bosques e por toda
planicie, emfim, deixando-nos
em extase, ao contemplar tão

grandioso quadro, naquelle
momento espelhado pela na-
tureza.

Abandonamos os transpor-
tes da meditação, e, rompen-
do com o profundo silencio
que apenas éra perturbado
por leve agitação de arbustos,
causada pela briza que man-
samente se deslisava e o res-
folegar de muares que pas-
tavam a curta distancia, dei-
tamo-nos a correr pelos es-
treitos trilhos dispostos em
zigue-zague.

Quando o sol ia-se occul-
tando de traz das ultimas
montanhas azues, indo os seus
raios, como settas, tocar o fir-
mamento, apparentando verda-
deira aurora boreal, retomamos
o caminho da cidade.

Diocleciano Nunes.

Pensamentos

Secção Feminina.

A lagrima é muitas vezes, o
balsamo que allivia as feridas d'um
coração que soffre

Rosalina Gould.

São os bons costumes que con-
stituem a boa sociedade.

O verdadeiro amor é luminoso
como a aurora, e silencioso como
um tumulo.

Vicencia de Lourenço.

A esperança é o salva-vida pa-
ra o coração, prestes a naufragar
no mar do desespero

Anna Alfaia.

A esperança é uma luz que al-
lumbria as trevas do futuro,

Catharina Conte.

A esperança è o pharol que
guia o viajante desesperado ao
porto da bonança.

Luiza Gould.

Quem ama e não é amada
soffre demasiadamente para sup-
portar a dor do desespero,

Roza Santos Lima.

O amôr do homen é como a
flôr qualquer sopro da briza, ti-
ra-lhe as petalas.

Perpetua Santos Lima.

O amor è um club.

Como todos os clubs tem uma
Directoria, a sua divide-se em
seis membros a saber: Presidente
o namoro; 1.º secretario, o aceno;
2.º secretario, o suspiro; thezou-
reiro, o coração; procurador, o
olhar e orador, o ciume.

Arminda Vieira.

Ha momentos na vida em que
não desejamos ser perturbadas em
os nossos sonhos dourados: outros
porem, consolam-nos, ao vermos
rasgar-se o véo da illusão e rea-
parecer altiva como sempre a rea-
lidade.

Joaquina Vieira.

A esperança é o batel que guia
o coração ao porto seguro.

O coração sem esperança é um
navio sem leme.

Maria Alexandrina.

Secção Masculina.

A vida è passageira.

Ladeada de dissabores.

E' a roza com espinhcs,

Contrastes e muitas dores.

João Aguiar.

A felicidade tem muitas veses,
a duração das estrellas cadentes:
surge, brilha e morre.

Martins de Almeida.

A verdadeira amizade para o
desvalido. é como o salva vida
para o naufrago.

Henrique D'Avino.

O sorriso exprime a satisfação
porem, muitas vezes é a expres-
são do cynismo.

Jobata Raiuga.

Todo aquelle que não contribue
para o engrandecimento moral da
sociedade, não é um ente digno
e de bôas intenções.

João Aguiar.

Todo o heroismo de um homem,
consiste em saber elevar-se pe-
rante a sociedade.

José Gould.

A consolação para o coração
dilacerado, é o mesmo que o me-
dicamento para o enfermo sem
esperança.

Augusto Costa.

O amor e a morte, são duas
correntes indestrutíveis e in-
vencíveis, que dominam eterna-
mente a vida humana.

Paschoal de Lourenço.

A vida sem amor è uma egre-
ja sem altar.

O verdadeiro amor, é o amor
secreto.

O amor duvidoso è uma flor
sem perfume.

João Servo.

A vida è um sopro e a morte
o termo.

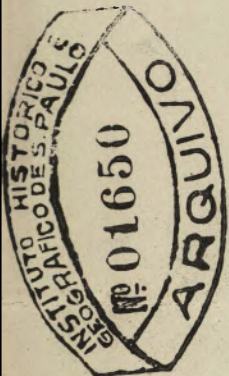
Romano Conte.

A palavra amigo, tomada na
sua verdadeira accepção, seria tão
pouco applicada que tenderia a
desapparecer do vocabulario, se,
pelo contrario, não fosse profana-
da como é, a todo momento.

Uerband Junior.

O amor è como a musica, só
è sublime quando hã harmonia.

J, M. Campos.



Pelos Palcos Sociaes

Gremio Dramatico Muzical Luso Brasileiro.

Conforme estava anunciado, esta importante sociedade deu-nos no dia 11 do corrente, a sua 82.^a recita social. Nessa festa que cons-tou de espectáculo e baile, foi levado a scena o drama em 3 actos denominado «A Filha do Estalajadeiro», imitação de J. Vieira Pontes, com a seguinte distribuição Arthur, José Meza; Eduardo, Francisco dos Santos; Alfredo, Antonio Barreira; Balhazar, Paschoal de Lourenço, Antonio, D. Andre-guetti; Izabel, Francisca Silva; Sombra do Remorso, A. Costa. O desempenho deixou alguma cousa a desejar, notando-se as seguintes faltas dos senhores ama-dores.

Os gritos e gestos do Snr. Meza no 2.^o acto, os quaes não estav-avam de accordo com a scena falta de dicção do Snr. Santos no genero do seu papel; pouco estudo do papel, aliás desculpavel do Snr. Barreira, algum exagero por parte do Snr. Paschoal; no-tou-se tambem que o papel confi-ado ao Snr. Andreguetti, não estava de conformidade com o seu genero e falta de vocação por parte da Snra. Francisca Silva.

Achando-me encarregado de fazer as criticas theatraes, para a «Juventude» a pesar de ser um humilde amator, acho do meu dever declarar que farei as mi-nhas criticas dentro do limite da pratica, sem prevenções com quem quer que seja e, emittirei opiniões sinceras, com toda a convicção.

Depois da representação desse drama, teve logar um intermedio, no qual tomaram parte os Snrs. Antonio Barreira, cantando a can-çoneta «Eu sou tolo» e o auctor destas linhas que recitou a sce-na dramatica «Cerração no Mar».

Em seguida, representou-se a comedia em um acto, Um plano infallivel, tomando parte no desem-penho, os Snrs. Andreguetti e Paschoal e a senhora D.^a Fran-cisca Silva, os quaes foram muito applaudidos.

AUGUSTO COSTA.

PELA SOCIEDADE

FAZ ANOS HOJE:

A exma senhorita D.^a Joa-quina Vieira.

A menina Anna Maria

Funari, filha do Snr. C. Fu-nari.

Dia 20 :

A exma senhora D.^a Maria Conte, esposa do Snr. Clo-vys Imperio.

Dia 22 :

O Snr. Delphim Pereira da Silva.

A exma Snra. D.^a Verena Bittencourt.

Dia 23 :

A exma senhorita D.^a Con-getta Funari.

Dia 25 :

O Snr. João Servo.

FALLECIMENTOS

ANGELO ALFAIA

Dando expansão aos nossos sentimentos de amizade, vimos prestar esta justa e merecida homenagem, ao nosso distinto amigo Angelo Alfaia, fallecido na manhã de 10 do corrente, depois de longo soffrimento.

O fallecido era estimadissimo em o nosso meio social, exem-plar chefe de familia, bom ami-go e dotado de um character franco e leal. O enterro do in-feliz extinto realisou-se com grande acompanhamento, para o cemitério do Araçá. A' fami-lia enlutada os nossos sínce-ros pezames.

Falleceu no dia 13 do fluente, depois de crueis soffrimentos, a exma senhora D. Sophia W. de Jesus, extremecida esposa do snr. Joaquim A. de Jesus, dig-nissimo funcionario da S. Pau-lo Railway e tia do nosso ac-tivo collaborador José Gould. Sinceros pezames.

NOTICIARIO

São reporters desta folha, os Snrs. Romano Conte, José Gould e Paschoal de Lourenço.

Realisa-se hoje na séde so-cial do Gremio Dramatico Mu-sical Luso Brasileiro, uma ma-tinée dançante, promovida por uma comissão de gentis se-nhoritas deste bairro. Essa com-missão é composta das seguintes senhoritas: Dona Arminda Vieira, Maria Gomes, Noemia B. Fabi, Ernestina Ramalho, Luiza Ramalho, Rozalina Gould, Lui-za Gould e Cecília Bezós, ten-

do como directora a exma se-nhora dona Fortunata G. O. Machado, extremecida esposa do senhor Alfredo Machado, dignissimo presidente dessa brilhante associação.

A *Juventude* será represen-tada pelo nosso redactor-chefe. A iniciativa dessas moças, me-rece os mais francos applausos, pois, tratando-se de uma so-ciedade onde fulgura a mocidade toda do bairro, é de jus-tiça que os associados divirtam-se com frequencia, afim de ex-pandirem-se os corações.

Oxalá que essa festa tenha uma boa concorrência, para maior brilho e satisfação da comissão organisadora.

A *Juventude* terá uma tiragem especial, para ser offerecida aos seus collaboradores, associados e a imprensa.

Correio d'« A Juventude »

M. Michelotti — Esperamos a sua collaboração, porem, que seja merecedora de applausos.

R. C. — Continue sempre e procure desenvolver-se.

J. G. — Agradecemos.

R. G. — Recebemos a sua valiosa collaboração e espera-mos que continuará a deleitar os nossos leitores, com as suas bellissimas composições.

D. N. — O amigo foi pon-tual com a sua palavra. Muito bem.

A. M. A. — Devido accu-mulo de materia, não foi pos-sivel publicar o seu artigo. Pa-ra o segundo numero será sa-tisfeito.

Socios fundadores da «Juventude»

João Aguiar; Augusto Costa; Romano Conte; Jose Mesa; An-tonio Barreira; Mario Costa; Jose Gould; Perceval Pudney; Alberto Gama; Luiz Colangelo; Avelino Alfaia; Theodoro Martinez; Au-gusto Paciencia; Juvencio P. da Silva; João Cervo; Antonio Cruz; Richotti Viotti; Guilherme Cam-pbell; Estevam da Costa; Daniel da Costa; Gaudencio de Oliveira; Paschoal Lourenço João F. Mourão; Laurindo G. Moreira; João J. Correa; Pedro Lotti; Henrique D'Avino; João Crespo; Manuel de Almeida; Diocleciano Nunes; Hei-tor Simões; Felipe Colone; Arthur Gomes; Alfredo M. de Almeida; Angelo Val; Cesar Barbosa e Ma-noel Vieira.